



ASSIM COMO NO FILME, É PRECISO ENFRENTAR TREINAMENTO EXAUSTIVO PARA INTEGRAR A TROPA DE ELITE DA POLÍCIA MILITAR

COMO NASCE UM CAVEIRA

AFONSO MORAIS E RENATO ALVES
DA EQUIPE DO CORREIO

A tropa de elite da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) não sobe favela nem troca tiros com traficantes armados de fuzis. Só porque a capital não tem morros nem megatraficantes. Os integrantes da unidade brasiliense são submetidos aos mesmos testes dos colegas do Batalhão de Operações Especiais (Bope) do Rio de Janeiro. Muitas vezes, treinam juntos — no mês passado, 32 militares do Bope candango passaram uma semana no Rio, treinando incursões em favelas com os colegas cariocas. E nos cursos, os PMs candangos protagonizam cenas violentas e humilhantes como as do filme *Tropa de elite*.

O Correio entrevistou quatro integrantes e três ex-oficiais da Companhia de Operações Especiais (COE), a tropa de elite da PMDF. A COE é uma das quatro unidades do Bope candango, formado ainda pela Patamo, o Choque e a Companhia de Cães. Os militares contam que, para ter o direito de vestir a farda preta, os candidatos a caveira da PMDF também são levados ao limite extremo da capacidade física e psicológica. Eles enfrentam todo tipo de privação, inclusive a fome.

Para ser da COE é preciso fazer o Curso de Operações Especiais em Brasília ou em um Bope de outra PM do país. O treinamento é diferente em cada unidade. Quem faz o curso da COE no DF fica quatro meses incomunicável. Treina de manhã, à tarde, à noite e de madrugada. Leva tapas no rosto, socos e golpes de cassetete em todo o corpo. Em determinadas aulas, os mais sonolentos ganham uma grana sem pino, sob o risco de explodir todos se a deixar cair. Como no longa de José Padilha.

Qualquer policial militar pode se inscrever para o curso da COE. Mas pouquíssimos conseguem a vaga. O capitão Nascimento, em *Tropa de elite*, se gaba do rigor do Bope carioca. Ressalta que, quando fez o teste para entrar na unidade, dos 100 candidatos, só três foram aprovados. Em uma das seleções da COE de Brasília, apenas um dos 50 inscritos conseguiu ser admitido. Assim como no Rio, a maioria desiste nas duas primeiras semanas de testes.

Durante o curso, é servido um banquete no café da manhã, mas nada de sobras. Até a manteiga os policiais são obrigados a comer,

Kléber Lima/CB



PREPARAÇÃO DE INTEGRANTES DA COE (PARTE DO BOPE) NA ÚLTIMA QUARTA-FEIRA: COMO CONTROLAR MANIFESTAÇÕES

mesmo sem pão. O primeiro a vomitar é forçado a se arrastar e a limpar o chão com a roupa. Muita gente desiste.

Quem continua fica ao menos uma semana em um acampamento montado fora do DF. O local é ermo como um pântano. Nele, os militares passam madrugadas na água. Para espantar o frio, muitos chegam a urinar nas calças para ter a sensação de calor. A prova que mais elimina candidatos é a travessia do Lago Paranoá. Os PMs nadam quilômetros no frio, vestidos de farda, coturno e com a arma. Às vezes, pegam pneumonia.

Aqueles que não realizam todos os exercícios físicos, mas não podem para sair, são obrigados a “pagar um cartão de crédito” ao longo do dia: 100 abdominais, 100 polichinelos e 100 flexões de solo. “Muitos tomam até relaxante mus-

cular para minimizar as dores e se guir em frente”, conta um PM que não concluiu o curso.

Mulher careca

Uma das três mulheres do país a ser aprovada no curso da COE, a sargento Célia Rejane, 39 anos, admite ter apanhado algumas vezes nos quatro meses de teste. “Isso é necessário para manter o autocontrole em situações tensas”, argumenta. Ela também não vê problema em ter sido obrigada a raspar a cabeça para se igualar aos colegas de farda. “Na COE não há diferença de tratamento. Foi o melhor curso que fiz”, frisa.

A COE surgiu com o Bope, em 22 de junho de 1999. O Bope conta com 419 militares. A maioria atua em manifestações. Os 64 da COE só trabalham em operações especiais, sigilosas e independentes, como incursões em invasões para

recuperar armas roubadas.

Todos os militares da unidade ouvidos pelo Correio rechaçam a corrupção e a tortura. Negam ter participado ou presenciado algum ato parecido. Sobre a rigidez do treinamento, o comandante do Bope, tenente-coronel Luiz Henrique Fonseca Teixeira, ressalta que todos os candidatos a uma vaga são voluntários. “Todos estão aqui porque querem. A partir do momento em que o aluno diz que não dá mais, acabou”, afirma. Ele nega que qualquer policial seja torturado.

Fonseca admite que o Bope é violento, mas nega abusos. “Somos convocados apenas quando tudo já falhou e temos de resolver com uso da força progressiva.” Para ele, engajar-se no Bope significa dedicação total e provar ser uma pessoa especial. “Temos orgulho de sermos diferenciados. Aqui não há lugar para chorão. A profissão é um sacerdócio e o uniforme preto é a nossa segunda pele.”

Os cursos da COE não têm datas definidas. O último ocorreu em 2004. Dos 170 inscritos, 17 se formaram. O próximo, segundo o comandante Fonseca, será em fevereiro de 2008.

RESSALVAS AO QUE É MOSTRADO NO CINEMA

O filme *Tropa de elite* também é sucesso de público no Batalhão de Operações Especiais (Bope) da PM-DF. Muitos policiais viram o longa-metragem na versão pirata e depois foram aos cinemas conferir a original. A obra de José Padilha, no entanto, está longe de ser uma unanimidade entre os integrantes da unidade candanga. Para alguns, a imagem da PM foi denegrida.

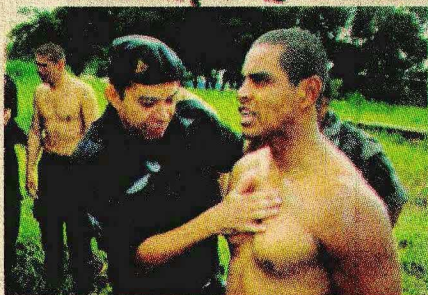
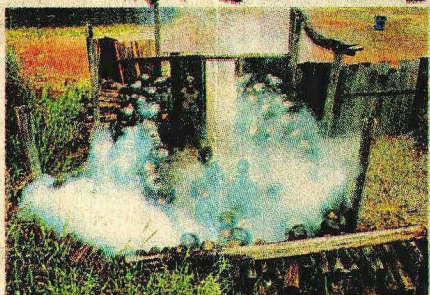
Para o comandante da tropa, tenente-coronel Luiz Henrique Fonseca Teixeira, o filme retrata a realidade. Mas ele faz uma ressalva: “O filme mostra a realidade carioca, onde são baixos os salários da instituição policial. Isso cria determinados desvios de comportamento”. O coronel tem uma teoria para a corrupção no meio policial carioca. “No Rio, o policial se expõe dia e noite para ganhar apenas R\$ 900. Se o policial não tiver base familiar e educação, pode se corromper. É injustificável, mas explica.” Um soldado da PM-DF ganha R\$ 3,7 mil.

O comandante da Companhia de Operações Especiais (COE) do Bope, capitão Wesley Santos, diz que *Tropa de elite* apresenta o que a polícia tem de melhor e de pior. “O filme tem feito tanto sucesso porque é a primeira vez que o cinema retrata a visão da polícia sobre a sociedade”, ressalta. Para a sargento Célia Rejane, da COE, o filme é muito fiel, inclusive na linguagem policial. O problema, segundo ela, é a glamourização do Bope. “Não gostei de terem destacado tanto o Bope. Toda a polícia deve ser valorizada. Cada companhia e batalhão tem a sua importância”, reclama.

Um policial militar, ex-integrante da Patamo, do Bope, diz que o treinamento real é muito mais forte do que o mostrado no longa. “A comida no chão que aparece no filme é um banquete. Dá até gosto de ver.” (AM)

“Aqui não há lugar para chorão. A profissão é um sacerdócio e o uniforme preto é a nossa segunda pele”

Comandante do Bope, tenente-coronel Luiz Henrique Fonseca Teixeira



TREINAMENTO DA TROPA DE ELITE DA PM-DF É RIGOROSO, EXAUSTIVO E VIOLENTO: ALUNOS FICAM QUATRO SEMANAS INCOMUNICÁVEIS, COM EXIGÊNCIAS FÍSICAS DURÍSSIMAS E PREPARAÇÃO ATÉ PARA AÇÕES EMBAIXO D'ÁGUA

LEIA NAS PÁGINAS 12 E 13 SOBRE OS TEMAS MAIS POLÊMICOS DO FILME